



Universidade federal de São Carlos / UFSCar
Programa de Pós-graduação em
Ciência Tecnologia e Sociedade / PPGCTS
Disciplina: O discurso da ciência e dos saberes populares.



ALLAN TADEU PUGLIESE

ARTIGO:

Discursos populares: Os dizeres apocalípticos na revista Superinteressante.

SÃO CARLOS – SP

2010

ALLAN TADEU PUGLIESE

Aluno especial do programa de Pós-Graduação em ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS).

ARTIGO:

Discursos populares: Os dizeres apocalípticos na revista Superinteressante.

Artigo apresentado como forma de avaliação da disciplina **O discurso da ciência e dos saberes populares**, ministrada pelo **Prof. Dr. Valdemir Miotello** no primeiro semestre do ano de 2010

SÃO CARLOS – SP

24 de junho de 2010

Discursos populares: Os dizeres apocalípticos na revista Superinteressante.

PUGLIESE, A. T.¹

Resumo: De tempos em tempos o discurso apocalíptico é repetido na história, nas mídias e na cultura popular. Esse estudo busca relacionar esses discursos entre si e criar um olhar “Bakhtiniano” sobre eles, relacionando a visão e os estudos de Bakhtin com a contemporaneidade. Para marcar esses discursos, foram analisados textos da revista **Superinteressante** e suas posições divergentes de convergentes. Além de um levantamento histórico esse artigo ainda traz uma relação do último dia de existência e do contexto de carnavalização, proposto por Bakhtin no Livro : “A cultura Popular na idade média e no renascimento”.

Palavras chaves: Bakhtin; Ideologia; Apocalipse; Fim do mundo; Revista Superinteressante; análise do discurso Bakhtiniana; carnavalização.

1. Introdução

Seguindo os princípios do estudo da filosofia da linguagem, esse trabalho “bebe” na obra do russo Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895 - 1975), em seus trabalhos como lingüista, e principalmente como filósofo, enxergando e explicando o mundo a sua volta através da linguagem e das inter-relações com o outro (2004). Algumas obras estudadas por ele também foram consultadas, buscando um melhor entendimento do seu trabalho.

Trazendo essa visão “Bakhtiniana”, temos como intenção relacionar alguns discursos históricos e contemporâneos sobre um tema muito comum nos registros e repetido de tempos em tempos na mídia e na produção cultural atual: “O fim do mundo”.

Esses discursos foram separados em duas etapas: a primeira faz um apanhado geral sobre as lembranças mais comuns da história, e como elas estão relacionadas na

¹ Allan Tadeu Pugliese

Graduado em Comunicação Social com Ênfase em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário de Araraquara (UNIARA)

Aluno especial do Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade (PPGCTS)

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Membro do Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso – GEDE

allanpugliese@terra.com.br

internet, permitindo ainda um pequeno aprofundamento ao discurso presente no último capítulo da Bíblia, o “Apocalipse”, atribuído ao apóstolo João, um texto simbólico e cheio de interpretações.

A segunda e principal etapa desse artigo é como esse discurso é repetido na revista Superinteressante, da Editora Abril, uma revista que tem como foco “mastigar” o conteúdo científico para os jovens, sempre trazendo os assuntos mais pertinentes para o mês, ou as últimas “revelações da ciência” transformando tudo em “verdade”. De tempos em tempos esse discurso é novamente trazido a tona, incluindo apenas as novas teorias da “ciência” sobre como o mundo vai acabar.

Todos esses textos são produzidos pensando no outro, o leitor, e nos discursos ditos por eles, girando em torno de como ele vai criar uma consciência ideológica sobre os atos da humanidade com o planeta e a forma que ele vai retransmitir essa mensagem no seu meio social.

“As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contratos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e meios de comunicação verbal: na vida política, na criação ideológica... A Psicologia do corpo social é justamente o meio ambiente inicial dos atos de fala de toda espécie, e é neste elemento que se acham submersas todas as formas e aspectos da criação ideológica ininterrupta: as conversas de corredor, as trocas de opinião no teatro e no concerto, nas diferentes reuniões sociais, as trocas puramente fortuitas, o modo de reação verbal face as realidades e aos acontecimentos do dia-a-dia, o discurso interior e a consciência auto-referente a regulamentação social, etc..”

(BAKHTIN, 2004).

Não é possível mensurar quantas conversas de corredor sobre o aquecimento global existem no mundo nesse momento, ou em virtude das reportagens da revista Superinteressante, mas conseguimos analisar esses textos como um reflexo dessas conversas e da preocupação do corpo social sobre o tema.

Em uma última parte desse artigo, temos a relação da carnavalização (forma de expressão da cultura cômica popular (BAKHTIN, 1987)) e a ideia de liberdade social que o último dia, o dia antes do fim, traz nos pensamentos dos indivíduos, relacionando ainda com o conceito de propriedade (MARX e ENGELS, 2007) e o fim dele.

2. O discurso apocalíptico na história e na super interessante

A palavra apocalipse vem do grego *apokálypsis* (αποκάλυψις), que quer dizer revelação, mas esse signo tomou como significado a destruição e o fim, sempre relacionado com o fim do mundo ou o fim de uma era. O título desse artigo estaria errado, se não considerarmos o peso que esse sentido “destruidor” tomou, sendo mais forte até do que o sentido de revelação, ou, como consta nos dicionários em português, apenas como “O último livro canônico do Novo Testamento, em que se acham registradas as revelações feitas a João Evangelista na ilha de Patmos.” (dicionário MICHAELIS on line).

“Cada signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra de realidade, mas também um fragmento dessa realidade”. “ É portanto claro que a palavra será sempre um indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma”

(BAKHTIN 2004)

Na internet temos um pequeno reflexo de como o discurso apocalíptico é tratado na história e na contemporaneidade. Em uma pesquisa rápida no GOOGLE, utilizando a palavra “fim do mundo” chegamos a 9.320.000 resultados para o tema, com destaque para o primeiro site que o buscador oferece na pesquisa: “<http://www.fimdomundo2012.com/>” utilizaremos ele para uma primeira análise. Em seu corpo ele traz as principais profecias e lendas sobre o fim do mundo as quais temos conhecimento. O primeiro título traz a profecia dos papas (destaque para a de São Maláquias), seguido do cartaz do filme “2012” com o Cristo Redentor destruído. Temos ainda Nostradamus, um texto atribuindo uma frase sobre o fim do mundo a Einstein, o que cria uma relação da ciência com o fim do mundo, e mais títulos que ligam para outros textos como o bioterrorismo, a gripe suína, o codex alimentar, o aquecimento global, etc. No meio dessa “salada de frutas” fica clara a inter-relação das “lendas” e da ciência com o discurso apocalíptico. Fica forte também a relação com a data de dezembro de 2012, a possível data do fim, ou pelo menos a mais próxima atualmente. Se existissem registros de sites não modificados até o fim de 1999,

provavelmente teríamos como data o ano 2000.



“Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada” (BAKHTIN 2004). Fica claro que esses objetos históricos repetidos no mesmo espaço, o site da internet, criam um novo significado, somam os pontos que se inter-relacionam e explicitam a intenção do discurso: alarmar o outro, criar uma repercussão.

Se voltarmos um pouco mais no tempo, temos o último capítulo da Bíblia. Esse texto traz apenas simbologias e signos, que, provavelmente, ilustravam significados diferentes dos interpretados agora.

A linguagem e suas formas são produto de um longo convívio social ou de um determinado grupo de linguagem. A enunciação a encontra pronta no aspecto fundamental. Elas são o material da enunciação. O que lhe restringe as possibilidades”

(BAKHTIN 2001)

Desse conceito de BAKHTIN sobre a enunciação ainda temos a representação de um instrumento como signo ideológico. Da mesma forma que a foice o martelo possuem um sentido puramente ideológico (BAKHTIN 2004), para o apóstolo João, os

² Pagina principal do site <http://www.fimdomundo2012.com/> em 23 de outubro de 2010

selos, a besta, os anjos e o cordeiro³ teriam um significado único e vigente para época. Uma interpretação literal agora não chegaria a lugar nenhum.

Após essa contextualização, vamos seguir agora com o foco principal desse estudo, a revista *Superinteressante*, revista que começou a ser publicada em setembro de 1987 pela Editora Abril, com o intuito de trazer textos e conclusões científicas as pessoas “comuns” (que não estão no meio acadêmico). Com uma linguagem mais simples e cheia de recursos gráficos, a revista tenta justificar seu nome trazendo os assuntos mais interessantes para a época, estudos que refletem as preocupações vigentes para o mês de sua publicação. “Por natureza o psiquismo subjetivo localiza-se no limite do organismo e do mundo exterior, vamos dizer, na fronteira dessas duas esferas da realidade. É nessa região limítrofe que se dá o encontro entre o organismo e o mundo exterior, mas este encontro não é físico: o organismo e o mundo se encontram no signo” (BAKHTIN 2004). As preocupações internas de cada indivíduo com o mundo e com a ciência são discutidas nos textos da revista. Uma movimentação entre o que as pessoas querem saber e o que a ciência tem para falar. Em nenhum momento vemos a revista preocupando-se em dizer que são apenas pesquisas, ou que a matéria é uma mistura de várias, digeridas e misturadas com uma ideologia “chocante”, apesar de que quando começamos a comparar esses textos, percebemos esses fatores claramente.

3. Método de análise do texto

A escolha das matérias sobre o fim do mundo foi através das chamadas de capa e no período de 2000 até 2009. Existem mais matérias que contém esse discurso, mas,

³ Na nossa leitura do último capítulo da Bíblia, o apocalipse, não foram consideradas as notas de rodapé, para não contaminar a interpretação da simbologia com a interpretação católica. Nesse ponto acredito ser melhor pesquisar, se possível o texto bíblico puro, tentando não utilizar uma tradução católica ou evangélica. Até a data da publicação do artigo ainda não encontrei o texto em questão traduzido para o português ou para o inglês por um lingüista ou outro especialista que buscasse apenas a melhor tradução dos signos, e não aplicando de ideologias religiosas a tradução dos significados. “nenhum dos signos ideológicos específicos, fundamentais, é inteiramente substituível por palavras” (BAKHTIN 2004)

por agora, não serão analisadas. Dessa pré-seleção, saíram cinco matérias: KENSKY, R. Vamos todos morrer. Revista Superinteressante. n. 158, p. 68-73, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2000; GRECCO, A. O fim de tudo. Revista Superinteressante. n. 194, p. 92-99, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2003; KENSKY, R. O começo do fim. Revista Superinteressante. n. 218, p. 68-73, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2005 ; LOPES, R. J. Já era. Revista Superinteressante. n. 218, p. 84-89, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2009; VERSIGNASI, A; NOGUEIRA, S. Caos. Revista Superinteressante. n. 273, p. 50-59, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2009.

Apesar de BAKHTIN não propor em nenhum momento uma lista de regras para a análise do texto, vale lembrar as regras metodológicas para análise do signo no processo da relação social, citadas no “marxismo e filosofia da linguagem”:

1. Não separar a ideologia da realidade matéria do signo (colocando-a no campo da “consciência” ou em qualquer outra esfera fugida e indefinível),
2. Não dissociar o signo das formas concretas da comunicação social (entendendo-se que o signo faz parte de um sistema de comunicação social organizada e que não tem existência fora deste sistema, a não ser como objeto físico).
3. Não dissociar a comunicação e suas formas de sua base material (infra-estrutura).

Em todas as cinco matérias, percebemos uma ideologia comum, intimista e catastrófica, deixando bem claro a responsabilidade do ser humano sobre a possível extinção da raça, e, em algumas uma explicação sobre as outras grandes extinções que aconteceram no planeta terra. Fica isso claro quando a revista cita que “é bom lembrar que, até hoje, já houve seis grandes extinções em massa na terra, todas causadas por cataclismos naturais” (GRECCO, 2003), mas que existem uma grande possibilidade do ser humano destruir a si mesmo e que a nossa inteligência chega a ser suicida.

Vale lembrar que esse conceito de ideologia que citamos vem dos estudos de BAKHTIN, aquela que é refletida e refratada na palavra. “ Já que o signo se cria entre indivíduos no meio social; é portanto indispensável que o objeto adquira uma significação interindividual; somente então é que ele poderá ocasionar a formação de um signo. Em outras palavras, não pode entrar no domínio da ideologia, tomar forma e aí deitar raízes senão aquilo que adquiriu um valor social... O tema ideológico possui sempre um índice de valor social” (BAKHTIN 2004)

4. O outro, para quem o discurso apocalíptico é dirigido

Até meados do século XIX, o maior discurso sobre o fim do mundo vinha da Bíblia sagrada, com o pecado e a punição dos injustos. Sua intenção foi sempre a de controlar o povo, mostrando que um dia todas as almas seriam julgadas, e que através das “mãos de Deus” o mundo recomeçaria apenas para os homens justos e que seguiam seus ensinamentos. Com o avanço da ciência, a idéia de um Deus controlar o dia final perde força, e, mesmo com a maioria da população ainda acreditando em Deus, aceita que um dia o mundo vai acabar ou porque o sol vai aumentar e engolir a terra, ou por um asteróide, ou mesmo por uma guerra nuclear. Isso criou dois fatores, enquanto na época em que a Igreja tinha força, o discurso apocalíptico foi “interpretado” e passado para a população de massa como o poder de Deus, agora a “ciência” tenta utilizar desse discurso para criar uma consciência sócio-responsável sobre o planeta.

“Um signo não existe apenas como uma parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra... Todo signo está sujeito a uma avaliação ideológica (isto é, se ele é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.) ... Tudo que é ideológico possui um valor semiótico”
(BAKHTIN, 2004).

Todo esse esforço tenta mudar a superestrutura do século passado, onde a preocupação com o planeta não existia, apenas uma preocupação em produzir mais e mais, aumentando o lucro.

5. O outro da revista Superinteressante

Segundo a própria revista, em seu site de vendas de espaços publicitários, seu público são jovens e adultos, de 15 a 44 anos, em sua maioria da classe econômica B, e como ela se intitula: “Ela inova nas pautas com abordagens criativas para os temas que todos estão discutindo e antecipa tendências, contando para o leitor, em primeiríssima mão, aquilo que vem por aí. **SUPERINTERESSANTE** é a revista essencial para entender este mundo complicado em que vivemos, ajudando a separar a verdade do mito, o importante do irrelevante, o novo do velho – tudo de forma surpreendente, provocativa e ousada.”

Tão logo a publicação desse discurso “apocalíptico” deve-se a alienação dessas pessoas as novas notícias, a movimentação dos sentidos que cada nova pesquisa traz a sociedade.

Esse outro ainda apresenta uma grande preocupação com o planeta e com o meio ambiente. Praticamente é uma nova geração, que sente sim culpa sobre o aquecimento global e sobre o fim do mundo, procurando assim na revista explicações e saídas para reverter esse processo. Isso é um reflexo da ideologia vigente. “Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com a própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia... O mesmo se dá com um instrumento de produção em si mesmo, um instrumento não possui um sentido preciso, mas apenas uma função: desempenhar este ou aquele papel na produção. E ele desempenha essa função sem refletir outra coisa” (BAKHTIN 2004)

6. Divergentes e convergentes

Quando analisamos os textos conseguimos traçar vários pontos que convergem em todas as matérias. Vamos começar pelos títulos: “Vamos todos morrer”, “O fim de tudo”, “O começo do Fim”, “já era” e “Caos”; todos trazem palavras de conotações destrutivas, atizando a curiosidade do outrem e o preocupando. Junto dos títulos sempre temos imagens fortes, ou produção gráfica futuristas da terra sendo destruída por um objeto espacial, de episódios que já aconteceram na terra, como a destruição do furacão Katrina ou uma representação de como foi a última grande destruição em massa do planeta terra, que por coincidência, é dita na matéria como a que deu um “empurrãozinho” para o desenvolvimento dos mamíferos, logo o dos seres humanos também. Essas imagens e esses títulos só são entendidos, pois o leitor as interpreta e sabe o peso que elas têm. “Se privarmos a consciência de seu conteúdo semiótico e ideológico, não sobra nada. A imagem, a palavra, o gesto significante, etc. constituem seu único abrigo. Fora desse material, há apenas o simples ato fisiológico, não esclarecido pela consciência, desprovido do sentido que os signos lhe conferem.” (BAKHTIN, 2004)

Todos os textos também convergem em um ponto, o mundo vai acabar mesmo um dia, temos fragmentos como: “Cedo ou tarde a profecia do título dessa matéria vai acabar se concretizando” (KENSKI, 2000); “é possível que a terra acabe um dia”(GRECO, 2003) Apesar dessa unanimidade, o real motivo porque se repete em algumas matérias e em outras, recebe complementos pertinentes a época. Em 2000 ainda tínhamos como grande discurso as bombas atômicas, no final temos o aquecimento global como grande culpado.

Nos textos, temos repetidamente a culpa do ser humano e de seu desenvolvimento na possível destruição precoce da raça, vemos o mesmo sentido reproduzido em diversas frases: “ainda nesse século é possível que a espécie humana destrua sua própria civilização” (GRECCO, 2003) “Poluição, aquecimento global, extinções em massa...” (LOPES, 2009). Aqui temos um reflexo claro da superestrutura, refletindo a economia mundial do ano 2000, não misturada a ela, que tenta produzir sem destruir o planeta, jogando a culpa não para as empresas que apenas pensam no lucro, mas para os consumidores que devem repensar seus hábitos.

“A realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais. As leis dessa realidade são as leis da comunicação semiótica e são diretamente determinadas pelo conjunto de leis sociais e econômicas. A realidade ideológica é uma superestrutura situada imediatamente acima da base econômica. A consciência individual não é o arquiteto dessa superestrutura ideológica, mas apenas o um inquilino do edifício social dos signos ideológicos.”

(BAKHTIN, 2004)

Como citado nos parágrafos anteriores, as matérias também divergem em alguns pontos, apesar de todas falarem do mesmo assunto, em três delas temos matérias focadas nas possíveis teorias do fim do mundo (2000, 2003 e 2005), em outra uma matéria falando das grandes extinções (2009) (apesar desse discurso ser repetido nas demais matérias) e uma também de 2009 falando sobre o “apocalipse” da vida moderna, o fim dos recursos energéticos, o caos no trânsito e a mudança climática. Essa movimentação dos temas é o maior reflexo de como os signos “apocalípticos” ganham diversos significados com o tempo. Vale lembrar o que foi dito anteriormente sobre o texto bíblico, que hoje em dia é interpretado pela cultura de massa com temas modernos, relacionando o que foi “visto” pelo apóstolo João com os acontecidos da

contemporaneidade. “existe uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular: trata-se da comunicação na vida cotidiana... nenhum signo cultural quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte da unidade de consciência verbalmente constituída... Toda refração ideológica do ser em processo de formação, seja qual for a natureza de seu material significante, é acompanhada de uma refração ideológica verbal, como fenômeno obrigatoriamente concomitante. A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação” (BAKHTIN 2004). Possivelmente, teremos muitos discursos repetidos e modificados nos próximos anos com a aproximação de 2012, inclusive na revista Superinteressante. Todos relacionando os textos bíblicos, profecias e lendas com os acontecimentos modernos. Várias interpretações acontecerão. Fatos isolados serão ligados entre si. Essa movimentação é digna de estudos mais aprofundados.

7. O último dia e a carnavalização

Entramos aqui em outro ponto interessante sobre o discurso apocalíptico, que, apesar de fugir completamente do que foi estudado na parte anterior, vale ser pontuado.

Sempre quando pensamos no último dia, temos três posicionamentos interessantes da população, representado no cinema em filmes como “Independence Day” (1996), “O dia depois de amanhã” (2004), “Guerra dos mundos” (2006) “Eu sou a lenda”(2007)e “2012”(2010) . Os que se preservam e esperam o julgamento de “Deus”, aceitando o fim do mundo como inevitável, os que procuram desesperadamente se salvar e preservar a espécie humana, inclusive emigrando para regiões menos afetadas pelos desastres e a população que parece se alienar de toda essa loucura e apenas aproveita seu último instante para fazer o que mais gosta, ou aquilo que sempre teve vontade.

Nesses filmes ainda vemos que todo o conceito de propriedade “ilusão jurídica, que reduz o direito a simples vontade, leva fatalmente, com o ulterior desenvolvimento das relações de propriedade a alguém possa ter um título jurídico de uma coisa sem possuir realmente uma coisa” (MARXS E ENGELLS, 2007) é o primeiro conceito social a ser derrubado. As pessoas se utilizam de carros, terrenos, prédios e

mercadorias de outros, para sobreviver e atingir objetivos, sem pedir autorização. Fica claro que essa relação de propriedade é ilusória e é destruída a partir da primeira necessidade de sobreviver. Essa quebra de classe social e propriedade podem ser muito bem relacionadas ao conceito de carnavalização proposto por BAKHTIN, no livro “A cultura popular da idade média e do renascimento”.

O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas com seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível. O ideal utópico e o real baseavam-se provisoriamente na percepção carnavalesca do mundo, única no gênero.

(BAKHTIN, 1987)

O princípio do fim do mundo traz consigo a necessidade do trabalho, da luta para sobreviver. Nessa hora todos são iguais, todos são fortes e todos precisam salvar a si e as pessoas que gostam. O dinheiro perde valor. Quando cai o “castelo” e o rei vai se esconder na floresta, ele torna-se igual ao camponês.

8. Considerações finais

Segundo a ciência, o mundo vai mesmo acabar um dia. A não exatidão é usada como unidade controladora pela religião e, ao mesmo tempo, na cultura de massa, é vista como uma possibilidade de carnavalização, da quebra das “leis” do mundo.

O discurso pseudo-científico da revista super interessante se repete de tempos em tempos, apenas englobando novos fatores e novas preocupações vigentes no tempo de cada matéria (aquecimento global, guerra-nuclear, etc.)

De tudo isso que levantamos, ficaram várias lacunas a serem preenchidas, como as outras matérias publicadas na revista Superinteressante e em outras revistas científicas, um maior aprofundamento nos discursos “antigos” como na Bíblia e nas profecias e ainda uma melhor colocação sobre os conceitos de carnavalização de BAKHTIN e de propriedade e direito de MARXS e ENGELLS representados em filmes, série e documentários e textos. Ficando assim claro que esse artigo é apenas uma posição inicial de uma pesquisa maior e mais estruturada que provavelmente vira logo

a seguir, ressaltando ainda o olhar “bakhtiniano” desse artigo que propõe não uma verdade absoluta, mas sim um movimento de ideias em direção a novos esclarecimentos e a novos diálogos sobre o assunto.

9. Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François ra.** São Paulo: HUCITEC, 1987.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 2004.

BAKHTIN, M. **O freudismo:** Um esboço crítico. São Paulo: Perspectiva, 2001

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada.** O apocalipse. Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin. P. 1590-1614. Sociedade Bíblica católica Internacional e Edições Paulinas, São Paulo, 1990

GRECCO, A. **O fim de tudo.** Revista Super Interessante. n. 194, p. 92-99, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2003

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista.** Edição digital Rock Edition, 1999.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KENSKY, R. **Vamos todos morrer.** Revista Super Interessante. n. 158, p. 68-73, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2000.

KENSKY, R. **O começo do fim.** Revista Super Interessante. n. 218, p. 68-73, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2005.

LOPES, R. J. **Já era.** Revista Super Interessante. n. 263, p. 84-89, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2009.

VERSIGNASI, A; NOGUEIRA, S. **Caos.** Revista Super Interessante. n. 273, p. 50-59, Rio de Janeiro, ed. Abril, 2009.

http://www.portalbrasil.net/reportagem_nostradamus.htm Acessado em 23 de junho de 2010.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Mikhail_Bakhtin Acessado em 23 de junho de 2010.

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Apocalipse> Acessado em 23 de junho de 2010.

MICHAELIS, dicionário. disponível em:

<http://dic.busca.uol.com.br/result.html?t=10&ref=homeuol&ad=on&q=apocalipse&group=0&x=30&y=12>. Acessado em 23 de junho de 2010.

<http://www.fimdomundo2012.com/> acessado em 23 de junho de 2010.

<http://publicidade.abril.com.br/marcas/superinteressante/revista/informacoes-gerais> acessado em 23 de junho de 2010.